

MARXISMO, PSICANÁLISE E O ESTADO: LIÇÕES DA ESLOVÊNIA

Ian Parker

Professor da Manchester Metropolitan University (Inglaterra), Psicanalista, Membro do College of Psychoanalysts (UK), Membro do The Center for Freudian Analysis and Research, Membro da London Society of the New Lacanian School, Secretary of Manchester Psychoanalytic Matrix, Editor do *Annual Review of Critical Psychology*.

E-mail: i.a.parker@mmu.ac.uk

Resumo: Este artigo explora as intervenções político-culturais e o papel das diferentes perspectivas prático-teóricas sobre o Estado, sobre a natureza do Estado e sobre as estratégias para enfrentá-lo. Conceber tal trabalho em termos de dismantelamento, negociação ou subversão do Estado claramente já destaca diferenças entre a estratégia política e a analítica. O que nos interessa aqui é a relação entre marxismo e psicanálise e as formas que as diferenças entre as duas tradições de trabalho desempenham nas intervenções políticas atuais. Os elementos contraditórios do marxismo e da psicanálise podem ser conceitualmente organizados por meio desse mapeamento, no qual também será possível determinar suas relações com o capitalismo e formas de gerenciamento estatal burocrático.

Palavras-chave: marxismo; psicanálise; Lacan; Eslovênia; controle de estado; NSK.

Abstract: This paper explores cultural and political interventions and the role of different practical and theoretical perspectives on the state, the nature of the state, and the strategies to tackle it. Framing this task in terms of dismantling, negotiating or subverting the state clearly highlights differences between analytic and political strategy. We are concerned here with the relationship between Marxism and psychoanalysis and how differently both traditions play out in current political interventions. The contradictory elements of Marxism and psychoanalysis can be conceptually organized by using such mapping where there is the possibility of determining its relationships with capitalism and forms of bureaucratic state management.

Keywords: Marxism; psychoanalysis; Lacan; Slovenia; state control; NSK.

O marxismo é o ponto de referência principal para a organização desta discussão, e a psicanálise será articulada como uma prática em relação a ele. Ocasionalmente, a psicanálise é associada às perspectivas marxistas no debate acadêmico, mas a prática psicanalítica não apresenta a mesma relação imediata com o Estado. Embora ela sempre tenha sido realizada dentro das restrições de práticas estatais específicas, os psicanalistas muitas vezes têm sido capazes de fingir que estão meramente preocupados com a transformação pessoal, e que isso pode proceder independentemente da atividade política.

O movimento político cultural que eu descreverei se dá, por razões históricas e geográficas, em um espaço particular entre o marxismo e a psicanálise. Esse movimento, denominado NSK, foi desenvolvido na Eslovênia nos anos 80 assim que o Estado iugoslavo começa a se desintegrar; ele então passa a desenvolver estratégias distintas para questionar o papel do Estado tal qual ele operava até 1990, bem como o novo Estado independente que foi formado em 1991. Elementos de sua prática cultural vêm sendo descritos por Slavoj Žižek, especificamente o tema da “superidentificação”, que decorre de seus primeiros escritos políticos até os mais recentes (ŽIŽEK, 1989; ŽIŽEK, 2008).¹

Uma vez que a República Federal Socialista da Iugoslávia reivindicou fidelidade ao marxismo, até mesmo para dar forma a uma autogestão socialista aberta, os recursos particulares da teoria psicanalítica repertoriados pela oposição na Eslovênia já estavam posicionados em relação ao marxismo e, na prática, em oposição a um efetivo Estado socialista. Mas antes de podermos explorar essa posição ambígua e como foi estabelecida sua conceituação e sua subversão pela NSK, é necessário clarificar qual marxismo foi formado para combate e repor o capitalismo.

Capitalismo

Do ponto de vista do marxismo, o capitalismo pode ser caracterizado no sentido mais aberto e mais amplo da tradição revolucionária marxista da seguinte forma (BENSAÏD, 2002):

Primeiro, o capitalismo é um sistema econômico e político no qual há exploração da classe trabalhadora; essa exploração requer controle e posse imediata dos meios de

1 Este último trabalho deve-se ao primeiro e explica mais largamente a lógica da prática do movimento a ele alinhado.

produção, organizados em torno do lucro obtido da mais-valia produzida pelos trabalhadores. Segundo, isso requer que a relação entre o capitalista e o trabalhador seja tratada como algo que é permanente e imutável. A relação é dessa forma essencializada, embora esse *essencialismo* possa ser ideologicamente justificado, tanto como o tipo de relação necessária para a sociedade civilizada assim como expressão das tendências naturais dos seres humanos para competir por recursos e vender sua força de trabalho aos outros. Terceiro, o capitalismo repousa em uma concepção particular de *direitos* individuais: os direitos daqueles que detêm os meios de produção para empregar os outros para lucrar e, obviamente, os direitos dos trabalhadores para vender sua força de trabalho; percebe-se tal troca como se esta formasse um contrato que foi conscientemente e livremente estabelecido e em que ambas as partes se engajaram.

Quarto, há um cerceamento (*enclosure*) de recursos naturais para que estes possam ser comprados e vendidos, o que é então necessário para aqueles que se engajam na agricultura de subsistência enquanto uma parte da economia camponesa, escolhida em detrimento da força de trabalho industrial. A lógica dessa mercantilização de recursos naturais reside no governo de *territorialidade* com a expansão da economia de mercado; logo, a transformação da gestão do território enquanto capital financeiro predomina tal como as variadas formas de competição do controle imperialista de terras estrangeiras, de trabalho e mercado. Um quinto ponto, que funciona ao lado da essencialização das relações, é que sob o capitalismo as relações econômicas são ratificadas a despeito de desafios morais e ideológicos discrepantes. Essa *ratificação* elabora um horizonte ideológico no interior do qual o capitalismo é questionado, de tal forma que os protocolos para produção e para relações são sedimentados como ponto pacífico, ou seja, protocolos que não são imediatamente abertos ao questionamento. Sexto, o desenvolvimento da produção é visto como o desdobramento de um processo linear, como um direito dado pelo progresso econômico. Essa aparente *linearidade* do desenvolvimento do capitalismo, do desenvolvimento natural do capitalismo desde os modos de produção anteriores, é replicada conceitualmente em descrições causais de processos naturais e sociais, na ordem temporal dos dias de trabalho e do período de vida individual. Sétimo, requer-se que haja um grau de *regulação* por parte do Estado das relações econômicas, regulação que então opera nas condições do neoliberalismo, ao lado da desregulação e da privatização dos serviços sociais de bem-estar. O capitalismo constrói a ideia de “mercado livre” e se autojustifica ideologicamente em torno

dela; no entanto, o Estado sempre foi um aparato regulador necessário para assegurar que haja uma “competição” tão bem assegurada que a resistência ao capitalismo é anulada.

Oitavo, decisões tomadas pela exploração para a venda da força de trabalho, bem como as decisões dos exploradores para investir, são tratadas como decisões individuais; essa *individualidade* é frequentemente invocada pelos defensores² como um princípio definidor da sociedade capitalista. Há uma individualização necessária e correspondente ao domínio da experiência subjetiva, de modo que mesmo as tentativas para promover o avanço do capitalismo são vistas como “interferências do Estado”. Nono, a *racionalização* do sistema é sustentada por uma visão cientificista particular de esclarecimento (*enlightenment*) social e pessoal. Essa armadura ideológica da ciência sob o capitalismo está então colocada contra sistemas alternativos, que estão derogados como pré-científicos, bárbaros e “irracionais”, ou que podem ser romantizados como não racionais e intuitivos, mas usualmente de tal forma que priorizam a racionalidade assumida por cada indivíduo em busca de mais esclarecimento. Finalmente, o décimo ponto, há uma aparente transparência das relações sociais, mas por si mesma esta transparência ideologicamente forjada funciona para intensificar a *alienação* de que se padece sob o capitalismo. Essa alienação e as descrições individualizantes e suas explanações servem para obscurecer as condições de vida que separam cada indivíduo de seu trabalho criativo.

Análise

As características delineadas do capitalismo até agora levantam uma questão sobre o governo da individualidade e a maneira como cada indivíduo compra nesse sistema econômico ou o recusa de tal forma que permanece preso nele.

A psicanálise é uma prática que, frequentemente na história, foi associada à direita, ou é suposta até mesmo por muitos marxistas de prover uma crítica implícita – senão explícita – à subjetividade burguesa (PARKER, 2007b). De qualquer modo, parece que, enquanto uma prática clínica, a psicanálise é muitas vezes cúmplice da produção capitalista. O conluio entre psicanálise e capitalismo – mesmo que ambivalente, relutante ou mesmo a contragosto – é aparente nos seguintes aspectos. Aqui nós podemos

2 No original, “*supporters*”, termo que pode ser traduzido também por “apoiadores”, “torcedores” ou “partidários”. (N. do T.)

demonstrar como a psicanálise é mapeada dentro do capitalismo, que é o modo de produção no qual ela emergiu e floresceu. Eu estou interessado aqui nos princípios metodológicos da psicanálise enquanto uma prática efetiva, em oposição à autodefinição de certas escolas de psicanálise que ainda governam a lógica de sua prática.

A *transferência*, dispositivo-chave do trabalho analítico – a reatualização do passado do analisando no presente em relação à figura do analista –, exige um aparato conceitual de propriedade e de autogestão. Isso também, é claro, opera dentro de arranjos financeiros privados e discretos, nos quais o analisando deve pagar o analista; a transferência, portanto, implica a reprodução das relações de poder, relações nas quais o sujeito foi constituído. Mesmo que haja também a reivindicação para que assim eles trabalhem essa relação “por esse meio”, o processo analítico propriamente dito não é usualmente colocado em questão ao fim da análise; a “transferência” pode até ser adotada pelo analisando para operar fora da clínica – o que por si só já é um mistério popular fabricado por aqueles que se introduziram na cultura psicanalítica. Por conseguinte, o analisando constrói um artifício ideológico pessoal para experimentar e explicar o que é a exploração. A maioria das formas de exercício da psicanálise tem por objetivo reforçar alguma forma de *identidade*, embora haja algum mal-estar hoje quanto à recomendação de Freud a respeito do alargamento do domínio do ego. Algumas tradições desconfiam do ego enquanto instância organizadora central, mas então há frequentemente o risco de que o “sujeito”, enquanto tal, ainda que conceitualizado necessariamente como um sujeito dividido, seja tratado como a unidade de tratamento, e alguma forma de identidade é desse modo contrabandeada pela porta dos fundos (ou por um tipo de alçapão que comanda o inconsciente). Se as relações e as partes sedimentadas que compõem as identidades individuais não são explicitamente essencializadas, a aceitação da lei – que sempre também pertence à identidade – é efetivamente fortalecida. Os direitos de cada indivíduo são limitados conceitualmente e clinicamente por um domínio elusivo do sujeito, o inconsciente, domínio esse que permanece para sempre fora do alcance – isso tanto mais nas formas aparentemente mais radicais da psicanálise que não pretendem harmonizar a relação entre a consciência e o inconsciente. A *estrutura* psíquica que governa a relação particular entre a razão consciente e o inconsciente é pressagiada pelo analista, que então determina a direção do tratamento e lacra cada categoria do sujeito em seu devido

lugar. Os direitos de cada indivíduo de vender sua força de trabalho são questionados e então endossados no interior da estrutura do tratamento clínico, que somente começa quando há uma demanda de análise.

A psicanálise, em diferentes vias e em diferentes tradições teóricas, gira em torno da problemática da *integridade* do sujeito. Essa problemática não é ordenadamente resolvida em nenhuma tradição psicanalítica, mas reaparece por meio das discussões sobre a natureza do ego como um “ego corporal”, sobre a natureza da “pele” como superfície de demarcação, sobre o “eu” que advém lá onde “isso” estava,³ sobre a “subjetivação” do sujeito, e sobre o valor concedido à “responsabilidade” mesmo se conceitualizada como aquilo que é capaz de reagir à explanação. O território do individual deste modo complementa o território do Estado enquanto um lugar no qual o comércio com os outros poderia acontecer.

Há a assunção de que a trajetória de cada sujeito é produto da *determinação* particular e, às vezes, conforme se diz, da sobredeterminação das relações familiares ou das cadeias de significantes. Esses protocolos são, obviamente, descartados em questão na análise, mas há muito raramente a promessa de que o analisando irá escapar de tais determinações, simplesmente optando por reduzi-las ao *nonsense* na análise e forjando uma relação diferente com elas na vida desperta. A psicanálise, portanto, insidiosamente, ratifica as forças sociais que explora, e o processo analítico volta e meia pode terminar em uma mistura de estoicismo com cinismo diante de um mundo exterior que deve permanecer o mesmo. Comumente verifica-se a identificação de uma sequência causal no desenvolvimento, uma *temporalidade* que foi escorada no apelo psicanalítico à evidência da psicologia do desenvolvimento. Essa relação temporal é por vezes retrabalhada conceitualmente nas análises da produção de causa por meio de ações contemporizadas, pelas quais certos eventos somente se tornam traumáticos depois do evento. Isso meramente serve para aliar à história do sujeito uma narrativa que é costurada de forma mais eficiente pela disposição de fios que reenlaçam e fabricam o presente em algo que sempre terá sido a ocasião. Até mesmo as mais reflexivas histórias do capitalismo usam o mesmo tipo de expediente, para achar em suas origens o que está por vir, uma vez que a história econômica é capturada em um circuito fechado. A maioria das versões da psicanálise habilita o indivíduo a operar em

3 No original, “*the I Who comes to be where ‘it’ was*”, em referência à afirmação freudiana: “*Wo Es war, soll Ich werden*”. (N. do T.)

condições sociais particulares, ainda que o psicanalista efetivamente não o conduza para tal adaptação. A adaptação para condições de vida por vezes procede em direção à subversão de identificações e de ideais; mas isso então leva à desistência dos ideais políticos, da ideia de que outro mundo é possível, de viver em comunidade e talvez gozando de seu sintoma na aceitação da “falta”. Assim como o sistema econômico que o abriga, a psicanálise reconhece que os processos mais adaptáveis são aqueles capazes de preferencialmente trabalhar em comunidade, ao invés de ir contra a inovação.

A particularidade de cada sujeito é comumente reduzida à função das características individuais. Acima e além da alegação de que um “caso clínico” não pode e não deve ser aplicado como um crivo para outros casos, a *individualidade* de um percurso em uma análise é igualmente reproduzida na insistência de que o tratamento, e mesmo o julgamento político interno à escola, tem lugar “um a um”. Processos coletivos são vistos como patológicos, e advertências ideológicas sobre as massas são reproduzidas nas variedades dissimuladamente individualizadas da análise de grupo, que são assinaladas quer como “treinamento do ego em ação”, quer como o tratamento do grupo como um indivíduo-de-muitas-cabeças. A psicanálise em geral, apesar das recomendações do próprio Freud, mantém-se fiel a uma visão de mundo diferenciada que ela assume para ser verdade, às vezes balizadas pelos apelos à ciência, ao método científico ou ao se endereçar ao sujeito da ciência. Essas formas de *verdade* às vezes são dadas pelos formatos do domínio público, casos em que há uma fidelidade ao padrão científico e ao racionalismo explícito, e às vezes por uma configuração hermética, na qual a lógica interna é valorizada de maneira específica e ainda mais rigorosa do que a da ciência *mainstream*. Finalmente, a psicanálise tem por objetivo permitir ao sujeito entender que não há como escapar da alienação; em algumas versões da psicanálise essa alienação é vista como condição para se tornar sujeito, um sujeito de linguagem. A reivindicação da liberdade sempre foi tratada com suspeita na tradição psicanalítica, como forma de ilusão ou desilusão. Como alternativa, é necessário que haja formas de *defesa* contra a tentação de abolir as restrições sociais que nos fazem humanos, e a própria psicanálise desse modo funciona como uma forma de defesa. É um dos mecanismos de defesa que o capitalismo utiliza para advertir aqueles que trilham contra a alienação: que eles irão provavelmente acabar com algo pior. Há desse modo uma tensão, às vezes inquietante, mas sobretudo obediente, na relação entre psicanálise e capitalismo.

Marxismo

Então, o que do marxismo, e como pode o marxismo ser articulado em relação ao capitalismo? Como dito anteriormente, minha caracterização do capitalismo é a partir do ponto de vista do marxismo, ou preferencialmente como uma articulação do ponto de vista da classe trabalhadora, que é o marxismo. Nós estamos interessados na atual prática material do marxismo (bem como nós estivemos interessados na atual prática material da psicanálise) mais do que com uma abstração idealizada ou crítica social acadêmica. Então, nós precisamos articular marxismo com o modo em que ele está de fato manifestado historicamente sob o stalinismo nos assim chamados “Estados socialistas” e nos partidos comunistas leais a esses Estados (MANDEL, 1978). Essa prática material será crucial quando nós voltarmos o olhar para a NSK, e então eu incluo aqui alguma atenção ao stalinismo como o contexto político contra o qual a NSK cresceu. Há ainda algumas homologias entre a mutação do marxismo dentro do stalinismo e a história institucional da psicanálise que são reativadas e subvertidas em alguns dos usos que a NSK faz da psicanálise.

Primeiro, o marxismo aponta para a expansão da *democracia* contra os limites da exploração capitalista, logo, para uma revolução proletária por meio de uma dissolução necessária desses limites. Essa democracia é definida pela autodeterminação apresentada pelos produtores que se associam para a organização e distribuição dos recursos naturais e dos recursos criativos. Essa promessa é traída pelo stalinismo; o centralismo democrático dentro do movimento dos trabalhadores é substituído pela *centralização* das tomadas de decisão e pela proibição da oposição no resto da sociedade. Segundo, há um caráter de *mudança*, no qual entender o mundo necessariamente implica mudá-lo. Essa recusa de qualquer essencialismo é sustentada por um modo dialético de interrogação da realidade, que observa e simultaneamente facilita as transformações das relações sociais. Essa perpetração ontológica – mais para o movimento dialético do que para as essências circumspectas – é substituída de acordo com a cristalização da *burocracia* stalinista. As relações se tornam fixadas em seus lugares, frequentemente com o apelo a categorias identitárias como o “proletariado” e sua chefia. Terceiro, no marxismo, a autodeterminação dos produtores associados retrabalha noções de *autonomia* de tal modo que os direitos humanos se definem em relação ao livre entendimento, em uma ética em relação ao trabalho criativo. Essa capacidade de autotransformação ética é traída pela estratégia pragmática de defesa da burocracia, na qual

mesmo a oposição ao capitalismo é instrumentalizada. A *instrumentalidade* stalinista transforma a luta política em uma ferramenta para as necessidades pragmáticas da burocracia.

Quarto, o marxismo é uma forma de *internacionalismo*. É um movimento auto-conscientemente internacionalista que se enraíza em oposição ao imperialismo e às ambições globais do capital para segregar a força de trabalho. Contra isso, o stalinismo reviveu o *nacionalismo* por meio da legenda do “socialismo em um país”, e também por meio de um apelo ao sentimento nacional em cada país onde imperava uma variedade de burocracias caseiras. Quinto, o marxismo não somente restaura o *sentido* para o trabalho criativo, mas também provê um sentido ao desenvolvimento do capitalismo e, então, às formas pelas quais ele pode ser transcendido. O stalinismo responde com apelos simples à autoridade e com o fechamento de debates em torno da interpretação da história em torno de uma consideração correta. Essa *totalização* também serve, obviamente, para ratificar o poder da burocracia como a ferramenta interpretativa por meio da qual a determinação histórica pode ser julgada e mensurada. Sexto, a narrativa histórica que o marxismo proporciona é aquela que se instrui do passado sob a condição de não repeti-lo e, com isso, fornece o expediente pelo qual o passado que luta contra a exploração encontra a redenção. A *história* marxista é, portanto, ao mesmo tempo conjugada com a intervenção histórica, na qual o desenvolvimento desigual é caracterizado pelos saltos e conexões inesperadas que provocam reiteradamente a história viva no processo revolucionário. Essa concepção de história é traída pelo stalinismo, que reescreve o passado a fim de favorecer o ponto de vista do chefe. Essa *fixidez* da sequência replica a posição fixa da burocracia, o que serve para justificar alianças com a “burguesia progressiva” das economias capitalistas convenientes ao chefe. Isso serve para fixar a narrativa em sequências fixadas de estágios de desenvolvimento de tal modo que eles culminaram nos arranjos atuais. Sétimo, o marxismo permite e requer *resistência* coletiva ao capitalismo, e resistência às estratégias de partilha e mandato pelas quais a oposição ao capitalismo é transformada em denúncia individual, étnica ou nacionalista. O stalinismo modifica essa resistência em obediência a uma estrutura de comando, uma forma de *autoridade* na qual várias formas de populismo e de rearticulação patrocinada-pelo-Estado das relações de poder são vistas como os modos mais efetivos de transformação.

Oitavo, o marxismo valoriza a *coletividade*, a atividade coletiva enquanto a base para a participação não reduzida à mera igualdade ou equivalência das vozes individuais,

mas de sujeitos constituídos de modo a serem capazes de entender e transformar o mundo por meio da práxis. A burocracia restabelece isso com um culto da personalidade, na qual o grande chefe individualiza a resistência e a subordina ao partido e à *disciplina* de estado. Nono, o marxismo é um processo aberto e autotransformador de questionamento e mudança. A *reflexividade* necessária à análise marxista como uma forma de intervenção é evidente nesse compromisso recursivo e progressivo, aliado a outras forças sociais como o feminismo e, mais recentemente, os movimentos ecológicos. O stalinismo, em contraste, opera na assunção de que alguma versão da *ciência* irá salvar o dia, e em formas mais grotescas enquanto uma identidade “ciência proletária”. Aqui, o materialismo dialético “científico” é a vereda para a acumulação de verdades inquestionáveis sobre a sociedade e a natureza. Finalmente, o marxismo é uma articulação teórica e prática da classe trabalhadora a respeito de como se apreende a natureza da alienação sob o capitalismo e de como construir sua própria zona de *liberdade*. Isso visa superar condições alienadas de produção por meio de um processo revolucionário no qual há estágios qualitativamente superiores de livre associação, no qual a livre associação de cada um é dependente da livre associação de todos. O stalinismo apenas oferece conforto na *reverência* humilhante aos sábios e anciãos; a mistificada oposição não dialética ao capitalismo como um competidor coloca-se por meio da denúncia cínica e irônica daqueles que devem se posicionar como vítimas da burocracia. Denúncia esta por vezes expressa na visão de quão ruim é a exploração do homem pelo homem sob o capitalismo; sob o domínio da burocracia seria, ao menos, o contrário.

NSK

Agora nós nos voltamos ao movimento cultural e político que se desenvolveu sob o stalinismo em seus últimos dias, na Eslovênia nos anos 80 (MONROE, 2005).⁴ Trata-se de um laboratório vivo, um caso exemplar por meio do qual é possível trabalhar algumas relações contraditórias e cúmplices entre marxismo e psicanálise.

A NSK representa a Nova Arte Eslovena (*Neue Slowenische Kunst*), uma auto-designação para um movimento que está desde já marcado na língua germânica, posicionada deliberadamente e explicitamente fora do domínio da burocracia e

4 O trabalho de Monroe é uma excelente e exaustiva exposição sobre o NSK, trazendo uma variedade de recursos teóricos para dar suporte sobre sua prática.

contra ele, fundada na resistência aos partidos eslovenos contra o fascismo. As partes componentes da NSK foram fortemente influenciadas por certas ideias psicanalíticas. Wilhelm Reich já havia sido popular como uma força contracultural na Iugoslávia, com o filme *Mysteris of the Organism*⁵ sendo uma conexão sintomática entre o Leste Europeu e a direita do Oeste Europeu. Houve também um debate acadêmico muito difundido extraído da Escola de Frankfurt e, ao final dos anos 70 e começo dos anos 80, os trabalhos de Althusser e mais tarde os de Lacan se popularizaram como um recurso teórico para entender e desafiar os porões da burocracia. A NSK deste modo se delineou em elementos da teoria psicanalítica para fazer o marxismo stalinizado virar contra si mesmo, e a psicanálise – nós poderíamos até dizer “psicanálise stalinizada” – contra si mesma. Estas são as condições de possibilidade para o trabalho de Slavoj Žižek; isso é possível de ser visto no projeto político-psicanalítico de Žižek já elaborado e colocado em funcionamento na NSK, o que aqui escapa ao objetivo deste artigo (PARKER, 2007a). Essa prática político-cultural utiliza a psicanálise de modo a perturbar a relação entre a psicanálise e o sistema capitalista, ele que a fez nascer e a quem ela corresponde fielmente. Como veremos, a chave problemática em torno da qual a NSK veio a operar contra versões do marxismo e psicanálise era o Estado. Trata-se do Estado enquanto cristalização e sedimentação do marxismo traído, e do microestado no qual cada cidadão deveria ser aprisionado no interior dos piores aspectos mais reacionários da psicanálise.

O primeiro aspecto a ser observado sobre as condições nas quais a NSK se desenvolveu é que o movimento de oposição dentro da Eslovênia no fim dos anos 70 atualmente se iniciou com a rebelião em massa da juventude. Esse movimento desencadeou energias criativas contra o regime, mas era claro que a resistência precisava ser organizada; logo, a questão é: que formas de *organização* serão necessárias para combater um regime que era ele mesmo muito bem estruturado? O movimento de oposição começou com o *punk* e, enquanto o *punk* abria possibilidades para a negação caótica da organização e de qualquer forma de centralização, o projeto da NSK tomou um caminho um tanto quanto diferente. A intervenção da NSK começa com a apresentação da banda Laibach na cidade industrial de Trbovlje nos anos 80. O nome já era por si só uma provocação, já que Laibach é o nome alemão para a capital da Eslovênia, Ljubljana. Pode-se ver uma questão aqui, mas trata-se de uma questão que é colocada para o público como se

5 Filme de 1971 dirigido por Dusan Makavesh. (N. do T.)

isso significasse que a banda era fascista. Como apontou Žižek em alguns de seus textos defendendo o Laibach e a NSK, como um bom psicanalista eles não responde esta questão transferencial (ŽIŽEK, 1993a/2003a). A forma organizacional, assim, serve para produzir um enigma, o que promove o jogo nas relações de poder existentes e abre espaço para questioná-las. Isso torna as relações de poder explícitas de tal modo que o público deve trabalhar por meio dessas relações transferenciais por si só – a repetição das relações passadas em relação à banda. Para o Laibach dizer ao público que isso é simplesmente um jogo, um estratagema para revelar o sistema, seria na verdade cair na armadilha da confirmação da relação de poder em vez de revelá-la. Portanto, trata-se de uma *organização* fechada, uma forma da organização fechada que produz uma forma de transferência e que faz o regime voltar-se contra si mesmo. Logo, a questão da transferência é mantida em aberto, ao invés de estabilizá-la como uma garantia de exemplo de exploração ou centralização de poder.

Cabe aqui voltar a um dos mais poderosos recursos ideológicos usados pelo regime stalinista para legitimar sua existência, a proteção e defesa da nação e a *nacionalidade*. A NSK aborda isso de algumas formas em que comparecem explicitamente algumas das mais ridículas imagens românticas da nação. Ao lado da banda Laibach, um componente chave da NSK é o grupo artístico Irwin (originalmente conhecido como “R Irwin S”, um nome encontrado de um objeto tomado de um relojoeiro de Cincinnati). Aqui, a *nacionalidade* enquanto forma de identidade, é repetida ao ponto em que ela se torna ridícula; assim sendo, o sujeito pode desenhar um paralelo com a forma que o analisando fala interminavelmente de sua “identidade” e, no processo, encontra alguma distância dela. Irwin recentemente iniciou o projeto NSK Garda, e nós vemos aqui uma dimensão “transnacional” para essa intervenção político-cultural que agora – uma vez que a Iugoslávia foi fragmentada em Estados-nações separados – questiona a identidade de cada nação. Isso se dá, por exemplo, na Croácia, onde membros das forças armadas da Croácia posam vestidos com os uniformes da NSK e saúdam a bandeira da NSK. Essa revelação da identidade também é compreendida em Kosovo com as forças sérvias lá estabelecidas. Isso também se estende aos exércitos dos *salarymen*⁶ no Japão, e serve para atentar para a identidade da força de trabalho no

6 O termo *salarymen* (“homens assalariados”) designa a classe média executiva que trabalha nas corporações japonesas. Preserva-se aqui o termo original por conta da imagem estereotipada do *salaryman*, que corresponde à caricatura do homem engravatado, obediente e bem comportado, adepto das longas jornadas de trabalho e fiel aos preceitos e mandamentos da empresa em que trabalha. (N. do T.)

capitalismo.⁷ Outros elementos da NSK também ilustram o imaginário nacionalista para questionar projetos grandiosos de edificação do Estado e a caça por território, como no caso da celebração da inteiramente ficcional “Agência Espacial Eslovena”. A *nacionalidade* é, portanto, explicitamente transformada em algo que precisa ser construído, e os elementos de onde isso é construído são deliberadamente escolhidos de um lugar fora da nação. A nação enquanto identidade essencializada e descontinuamente separada é questionada no próprio processo de sua produção.

A *submissão* à nação também é perturbada até mesmo no momento em que é realizada. Cartazes foram produzidos e circularam pelo grupo Novo Coletivismo (*Novi Kolektivizem*) da NSK em 1990 enquanto a Iugoslávia se desintegrava – e enquanto a Eslovênia estava sendo catapultada para fora da “federação socialista” sob pressão da Alemanha. Trata-se de um tempo em que a Eslovênia foi arrastada do “leste” europeu para o “oeste”, do setor “estágio socialista administrado” para dentro do livre comércio capitalista; então, questões sobre liberdade e sobre a luta pela liberdade estavam em pauta. A solução que o livre comércio evocou, ao passo em que empunhava os destroços da guerra na Iugoslávia – assim como o *slogan* de um cartaz da *Novi Kolektivizem* –, foi a de “Comprar a vitória”. Outro cartaz proclamava: “Eu quero lutar por uma nova Europa”; mas, nesse tempo, o cartaz colado nas ruas de Ljubjana era em croata. O sentido da identificação nacional é então reduzido por meio da repetição, do *nonsense*.

Os cartazes eram uma intervenção em um tempo de guerra que convocava a identificação para com o Estado e para com o capitalismo, de maneira a subvertê-los. A *submissão* proporciona uma forma de ideologia abrangente; para que se ofereça a si mesmo formas de interpelação – para a forma em que cada um é precipitado pela ideologia – que é possível tomar distância de tal interpelação. Essa é a fantasia de que nós temos um lugar fora da ideologia que é o mote mais poderoso da própria ideologia, e a NSK aborda essa fantasia na dianteira (ŽIŽEK, 1994).

A Eslovênia se separa da Iugoslávia em 1991 para se tornar um *Estado* separado. Isso colocou uma questão para a oposição: que formas de participação poderiam existir em tal Estado que se autoproclamou independente? A resposta era o “Estado a Tempo NSK”, formado em 1991. Esse “Estado a Tempo” tinha embaixadas ao redor do mundo; tinha consulados montados, em Florença, por exemplo, em um quarto de

7 Cf. o projeto de entrevista da NSK com os candidatos nigerianos, publicada em março de 2008 em Reartikulacija, 2008.

hotel. Uma Embaixada NSK foi oficializada em Sarajevo em meados dos anos 90. Esta embaixada operou durante a turnê do Laibach chamada “NATO Occupied Europe”. Os passaportes diplomáticos do Estado a Tempo NSK emitidos em Sarajevo eram suficientemente realísticos para habilitar pessoas a escapar da Bósnia-Herzegovina durante a guerra civil. A submissão a formas simbólicas que definem a identidade é desse modo retrabalhada. Aqui a NSK mobilizou elementos das estruturas simbólicas dominantes que mandar a mensagem ao sujeito “você é isso”, mas eles transformavam essa mensagem de volta na réplica “nós somos isso”. E essa mensagem invertida simultaneamente faz uma torção na estrutura clínica daqueles destinatários que se situam para além da adesão obsessiva contida e culpada para abrir a rebeldia histórica. Em termos psicanalíticos, essa é a rebeldia que inclui o sujeito; por agora, pode-se dizer que isso é como uma participação deliberada, em vez de uma participação por adoção da posição de vítima (ŽIŽEK, 1993b/2003b).

O Estado a Tempo NSK emite seus próprios selos. Junto ao *website* nskstate.com, há agências de passaportes que emitem passaportes. Para obter um passaporte em alguma dessas agências, o processo é longo e trabalhoso. O processo reproduz o aparato do Estado e a submissão ao Estado dentro da instalação de arte. Os cidadãos da NSK, maiores em quantidade do que os do Vaticano, não são membros na NSK, e nem todos os cidadãos têm passaportes diplomáticos. A “integridade” do Estado é questionada a partir do seu interior, dentro do procedimento de enunciação que o declara para se tornar um Estado. A primeira página do passaporte contém a frase: “arte é fanatismo que pleiteia diplomacia”. Aqui o modelo psicanalítico do sujeito, fanaticamente fiel às identificações que o abrangem, é voltado contra si mesmo no apelo a uma “relação diplomática” com os outros. Isso, vale lembrar, é em oposição ao contexto no qual a “diplomacia” entre a burocracia stalinista na União Soviética e as amigáveis nações capitalistas funcionava para unir, por cima dos conflitos, os dois lados da borda que as dividia. Apelos por unidade dentro da União Soviética passaram de mão em mão com alianças com o aparato do Estado, na parte dos partidos comunistas trabalhando para suportar acordos diplomáticos entre nações amigáveis e a União Soviética. Esse *Estado* alternativo não é democrático, e nem pretende sê-lo.

O Estado NSK é um aparato simbólico. Ele foi reivindicado por Žižek assim que a Iugoslávia se desintegrou; o Estado NSK proporcionou uma forma estatal simbólica que não correspondia ao território geográfico. Alguns dos recursos simbólicos-chaves foram delineados pelo *Suprematismo* Russo (ARNS, 2003). Inaugurado por Kazimir

Malevich em 1915, o Suprematismo é útil por algumas razões. Primeiro, há uma redução à forma pura, figuras sem sentido que são então recheadas de conteúdo; e então, o Suprematismo provê correlatos visuais em uma aproximação saussureana para a linguagem, na qual os significantes visuais são reduzidos ao *nonsense*, à diferença absoluta que os analistas devem apontar para no fim de uma análise. Segundo, Malevich foi incorporado pelos bolcheviques na arte de vanguarda depois da revolução, embora ele não tenha sido revolucionário. Há, portanto, uma ambiguidade política construída dentro do Suprematismo enquanto um movimento artístico. Terceiro, Malevich é um artista russo, e então o material simbólico de um movimento artístico esloveno, NSK, é construído a partir dos recursos externos, e, mais além, Malevich não era efetivamente russo, mas sim, ucraniano.

O Suprematismo produz seus próprios símbolos representativos sem sentido. Assim como o *Black Square*, a *Black Cross*⁸ também tem uma relação conotativa ambígua e usável com o anarquismo e com o cristianismo. Esses elementos Suprematistas são incorporados na arte NSK, inclusive nas instalações de Irwin. A *Black Cross* é então exportada a diferentes contextos, como, por exemplo, aos arranha-céus de Nova York. A resposta da NSK aos ataques de 11 de setembro foi uma turnê nos Estados Unidos chamada “Estados Divididos da América”, com o *slogan*: “Unidos Cairemos”. O Suprematismo revela o caminho pelo qual nós estamos determinados enquanto sujeitos pelo material que nós devemos entender como “inconsciente”, material do qual não podemos escapar, mas com que podemos tecer uma relação diferente. O Suprematismo desse modo provê uma matriz em que outros elementos ideológicos podem ser articulados.

O Estado NSK é um Estado a Tempo, não em território geográfico, e portanto, temporariamente, é aquele dos dispositivos de governo da NSK. O álbum de 2003 do Laibach foi chamado de WAT, uma sigla para *We Are Time* [“Nós Somos Tempo”]. Recursos simbólicos para este Estado são tomados do passado, assim como de fora da Eslovênia. A *Black Cross* é resignificada no contexto das imagens *kitsch* do veado de Landseer,⁹ por exemplo. Há também uso da arte nazista misturada com a iconografia Realista Socialista. A *Black Square* é repetida em diferentes contextos para

8 Trata-se de dois quadros de 1915 e de 1923, respectivamente, do mesmo Kazimir Malevich. (N. do T.)

9 Referência ao quadro de Tomaz Hostnik, vocalista original e cofundador do Laibach, pintado a partir do famoso quadro *Monarch of the Glen*, do pintor inglês Sir Edwin Landseer, de 1851. (N. do T.)

perturbar e criar momentos de ambigüidade (GRŽNIC, 2004). O “tempo” é trabalhado de maneiras diferentes e em elementos diferentes pela NSK, mas sempre com um elemento de “retroatividade”. Aqui são retrabalhados conceitos psicanalíticos de tempo e de *temporalidade* enquanto forma analítica político-cultural, contra concepções lineares.

Uma das estratégias políticas-chave da NSK é uma tomada particular na identificação com o poder que frequentemente é chamada de “superidentificação”. Isso emprega e subverte a *adaptação*. Superidentificação não é simplesmente paródia, mas traz a oposição mais próxima ao imaginário, que está sendo reproduzido e retrabalhado. Esse material é torcido, por exemplo, no refrão “*Get back, get back to where you once belonged*” [“Retorne, retorne ao lugar a que você já pertenceu”], cantado na versão *heavy metal* do cover que o Laibach fez dos Beatles, presente no álbum *Let it Be*; a versão extrai de forma latente significações autoritárias e xenofóbicas, e a frase “*Nothing’s going to change my world*” [“Nada irá mudar meu mundo”], da música “Across the Universe”, é resignificada na esteira do imaginário fascista da nação.

O mais recente álbum do Laibach é *Volk* que evoca claramente concepções comunistas e nacionalistas do povo. *Volk* em esloveno também quer dizer “lobo”. O álbum abrange torções de hinos nacionais, alguns com mudanças de palavras, alguns com mudanças bem pequenas, mas de tal modo que chamam atenção para o imaginário latente que acompanham os hinos. O hino inglês, Anglia, por exemplo, é um sarcástico “*God save your gracious Queen*” [“Deus salve sua Rainha graciosa”] que acompanha a descrição do imperialismo e da tortura conduzidos pelo Estado britânico. O exemplo mais conhecido de superidentificação foi por meio da contribuição da *Novi Kolektivizem* para o Dia Nacional da Juventude de 1987, que foi consagrado pelo júri para evocar o espírito da juventude socialista Iugoslava. O “pôster difamador” irrompe quando foi revelado que o pôster da NK era baseado em um pôster nazista de 1936. Dessa forma, a mensagem sobre o regime retorna a si mesmo pelo seu avesso: “você diz que você é isso, você é isso”.

A superidentificação assim reproduz, em uma submissão voluntária à ideologia, o que o regime solicita. O regime solicita também que haja alguma distância cínica. A ideologia funciona não apenas por pessoas que aderem a ela, mas fazendo com que se acredite que elas têm alguma liberdade a exercer, e então o fenômeno da “dissidência” no Leste Europeu provê uma zona de amortecimento na relação entre os cidadãos e o Estado. A superidentificação dissolve essa zona de amortecimento e perturba

uma tentativa de *adaptação*. Pode-se dizer que isso traz os sujeitos para perto de uma “identificação com o sintoma” que, pela qualidade que é própria dessa identificação, enlaça e dissolve seu laço (ŽIŽEK, 2005). A submissão voluntária à autoridade no Estado NSK, que não é um estado democrático, solicita o contraste à individualidade burguesa. Os projetos NSK são projetos *grupais*. Em seus primeiros anos, todas as homologações eram homologações grupais, e membros da banda Laibach tiveram mudanças pessoais. O Laibach então apresentou um enigma a respeito da identidade. O “*grupo*” revelou a verdade das identificações particulares que o sujeito adota a fim de produzir elas mesmas como se fossem separadas, distintas.

Há assim também um aspecto da *mistificação* deliberada nas atividades da NSK, e certamente não há reivindicação de transparência ou de “conhecimento”. O Estado a Tempo NSK abrange “artistas de Estado” como o grupo Irwin, “políticos de Estado” como a banda Laibach, e “igreja de Estado” como o grupo teatral Cosmokinetic Theatre Noordung. As performances teatrais incluem confinar a audiência de modo tal que as cabeças dos espectadores fiquem entre tábuas do palco, onde são forçados pelos artistas a engolir vinhos sacramentais e hóstias. Deve-se lembrar que, ao contrário da maior parte da Iugoslávia, a Eslovênia é um país católico e, logo, o imaginário religioso; a *Black Cross* e outros exemplos são em absoluto provocações deliberadas. A *mistificação* é o ajuste para uma identificação mais intensa. A identificação provocada pelas práticas do Estado NSK mobiliza o *gozo*. A NSK usa suas imagens a fim de produzir uma identificação passível de gozo e uma superidentificação com o que há de pior na ideologia. Isso é o que provoca acusações de que o Laibach é fascista, um fascismo lindamente decretado, por exemplo na música “*Tanz Mit Laibach*” [“Dance com o Laibach”], do álbum *WAT*. A NSK veste imagens fascistas e joga com elas. Tal *gozo* é levado aos limites da psicanálise, e mais além.

A inter-relação precisa entre a psicanálise e a estratégia da NSK é ambígua; então, nem mesmo a psicanálise opera como uma visão de mundo que pode pretender ou fingir escapar da ideologia. O estado da NSK provoca incerteza e recusa as coordenadas do capitalismo e do marxismo clássico, e, obviamente, do stalinismo, embora necessariamente repita alguns de seus temas. A caracterização apresentada aqui do capitalismo pode ser contestada, é claro, e a maneira que nós definimos o inimigo também serve para definir como nós vamos buscar superá-lo. O formato da rede e a forma do capitalismo que são dados pelo ponto de vista do marxismo significam que o projeto político-cultural da NSK também dá uma certa definição, um formato

que também irá aprisioná-lo. Assim como ele questiona o Estado em que os parâmetros se dão em seu interior, de qualquer modo, a NSK foi formada para contestar as concepções hegemônicas do Estado em relação ao capitalismo – a formação do Estado Iugoslavo, paralela à luta partidária vitoriosa que também derrubou o capitalismo –, mas também em relação à psicanálise – formada sob o capitalismo como uma interrogação, ou como uma confirmação da subjetividade burguesa, importada dentro da matriz cultural do stalinismo.

A NSK opera como uma forma de mediação entre psicanálise e marxismo que trata da relação entre as duas tradições de prática crítica como uma relação dialética. Uma relação dialética exige ser manipulada conceitualmente e politicamente em termos dialéticos e, não obstante, como parte de uma análise materialista-histórica de intervenção sobre o capitalismo e sobre os aspirantes burocráticos, em direção a uma alternativa ao capitalismo. Ou seja, a relação não pode ser mediada de tal forma a meramente obturar as lacunas entre duas visões diferentes de mundo, unir por cima das divisões entre as duas ou possibilitar cada prática a complementar a outra. Em vez disso, A NSK faz a mediação por funcionar como um *obstáculo* para qualquer relação harmônica entre marxistas e psicanalistas. Dessa forma, nessas condições particulares, são renovados aspectos da psicanálise e mesmo do marxismo, o que é feito pela ação político-cultural reorganizadora em relação ao Estado. Isso não é marxista, mas abre um espaço novamente para o marxismo em condições cicatrizadas pelo stalinismo. Isso não é psicanalítico, mas abre espaço para formas de prática psicanalítica que não convoquem um retorno ao capitalismo como uma alternativa para o stalinismo.

Tradução: Rafael Alves Lima

Graduado em Psicologia pela USP, é mestrando pelo Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, membro participante do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latésfp/USP) e da Rede Clínica do Laboratório Jacques Lacan do IPUSP.

Referências

- ARNS, I. (org.) (2003). *IRWINRETROPRINCIP: 1983–2003*. Frankfurt: Revolver.
- BENSAÏD, D. (2002). *Marx for our times: Adventures and misadventures of a critique*. Londres: Verso.
- GRŽNIC, M. (2004). *Situated contemporary art practices: Art, theory and activism from (the east of) Europe*. Ljubljana: Založba ZRC.

- MANDEL, E. (1978). *From Stalinism to Eurocommunism: The Bitter Fruits of 'Socialism in One Country'*. London: New Left Books,.
- MONROE, A. (2005). *Interrogation Machine: Laibach and the NSK State*. Cambridge MA: MIT Press.
- PARKER, I. (2006). A Verdade Sobre Superidentificação. *Mental*, Barbacena, v. 4 (nov.), n. 7, p. 15-34. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 fev. 2010]
- _____ (2007a). “The truth about overidentification”. In: BOWMAN, P. e STAMP, R. (orgs.). *The Truth of Žižek*. Nova York: Continuum.
- _____ (2007b). Lacanian Psychoanalysis and Revolutionary Marxism. *Lacanian Ink*, n. 29, p. 121-139.
- REARTIKULACIJA (2008): UMETNIŠKO-POLITIČNA-TEORETIČNA-DISKURZIVNA PLATFORMA. *Posicioniranje/Positioning*, v. 3, p. 24. Disponível em: <http://www.reartikulacija.org/pdfs/Reartikulacija3_web.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2010
- ŽIŽEK, S. (1989). *The Sublime Object of Ideology*. Londres: Verso.
- _____ (1992). *Eles Não Sabem o que Fazem: O Sublime Objeto da Ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1993a/2003) Why are Laibach and NSK not Fascists? In: ARNS, I. (org.). *IRWINRETROPRINCIP: 1983–2003*. Frankfurt: Revolver. Disponível em: <<http://www.nskstate.com/>>. Acesso: 8 nov. 2005.
- _____ (1993b/2003) “Es gibt keinen Staat in Europa”. In: ARNS, I. (org.). *IRWINRETROPRINCIP: 1983–2003*. Frankfurt: Revolver. Disponível em: <<http://www.nettime.org/desk-mirror/zkp2/staat.html>>. Acesso: 3 ago. 2003.
- _____ (1994) The enlightenment in Laibach. In: ARNS, I. (org.). *IRWINRETROPRINCIP: 1983–2003*. Frankfurt: Revolver, 2003.
- _____ (2005). Foreword: They moved the underground. In: MONROE, A. *Interrogation Machine: Laibach and the NSK State*. Cambridge MA: MIT Press.
- _____ (2008). *In Defence of Lost Causes*. Londres: Verso.
- _____ (no prelo). *Em defesa das Causas Perdidas*. São Paulo: Boitempo.

Recebido em 21/10/2009; Aprovado em 4/2/2010.